

SELEÇÃO DE QUESTÕES: AULÃO 2 – LITERATURA
Profª. Ludimilla Rupf

Aluno: _____ Data: _____

1. (Enem 2005)

O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo, ocorre em

a) “(....)

É de laço e de nó

De gibeira o jiló

Dessa vida, **cumprida a sol** (....)”

(Renato Teixeira. Romaria. Kuarup Discos. setembro de 1992.)

b) “Protegendo os inocentes

é que Deus, sábio demais,

põe **cenários** diferentes

nas impressões digitais.”

(Maria N. S. Carvalho. Evangelho da Trova. /s.n.b.)

c) “O **dicionário-padrão** da língua e os dicionários unilíngues são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas.”

(Maria T. Camargo Biderman. O dicionário-padrão da língua. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)

d)



O Globo. O menino maluquinho: agosto de 2002

e) “Humorismo é a arte de **fazer cócegas** no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer.”

(Leon Eliachar. www.mercadolivre.com.br <<http://www.mercadolivre.com.br>>. acessado em julho de 2005.)

2. (Enem 2003)



O uso do sentido conotativo é comumente encontrado na linguagem literária, incluindo os gêneros histórias em quadrinhos e tirinhas

O humor presente na tirinha decorre principalmente do fato de a personagem Mafalda

- atribuir, no primeiro quadrinho, poder ilimitado ao dedo indicador.
- considerar seu dedo indicador tão importante quanto o dos patrões.
- atribuir, no primeiro e no último quadrinhos, um mesmo sentido ao vocábulo “indicador”.
- usar corretamente a expressão “indicador de desemprego”, mesmo sendo criança.
- atribuir, no último quadrinho, fama exagerada ao dedo indicador dos patrões.

3. (Enem 2005)



Entre as finalidades da conotação estão a expressividade e a afetividade (positiva ou negativa) que transmitem

Analisando as falas das personagens, assinale a alternativa que contenha as expressões utilizadas em seu sentido conotativo:

- “Você vai comer asfalto” e “estou morto”.
- “No quinto período, seu babaca” e “você vai comer asfalto”.
- “Ameaça terrorista” e “aula de educação física”.
- “Ameaça terrorista” e “estou morto”.

4. (Enem 2005)

Sobre a poesia, é correto afirmar:

- A poesia é um gênero literário com características bem definidas, portanto, é facilmente possível identificá-la na literatura.
- A poesia é exclusividade da literatura e não pode ser encontrada em outras manifestações artísticas, como a pintura ou a música.
- A poesia apresenta forma fixa e não admite variações em sua estrutura. Os moldes clássicos obedecem aos princípios hedonistas de que a poesia deve sempre contemplar aquilo que é belo e agradável.

d) A poesia pode ser encontrada em diversas manifestações artísticas, como na música, na literatura, na fotografia e até mesmo em situações corriqueiras de nosso cotidiano.

5.

Leia o poema a seguir:

Amor é um fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói, e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;

É um andar solitário entre a gente;

É nunca contentar-se e contente;

É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;

É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor

Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís Vaz de Camões

Quanto a sua forma, o poema de Luís Vaz de Camões é

- a) um soneto
- b) uma elegia
- c) um madrigal
- d) uma écloga
- e) uma ode.

6.

Sobre as diferenças entre a poesia e o poema, estão corretas as seguintes afirmativas:

I. A poesia, ao contrário do poema, é composta por uma forma estática: a mensagem deve ser elaborada apresentando a mesma quantidade de versos e estrofes.

II. A poesia pode estar presente em paisagens e objetos, enquanto o poema faz referência ao gênero textual.

III. Não existem diferenças entre a poesia e o poema, ambas as denominações dizem respeito ao mesmo gênero textual.

IV. Poesia vem do grego poiesis, que pode ser traduzido como a atividade de produção artística. É, portanto, uma definição mais ampla do que a definição de poema, nome dado aos textos feitos em versos.

- a) II e IV.
- b) Todas estão corretas.
- c) I e III.
- d) I e IV.
- e) III e IV.

7. (Enem 2005)

Leia estes poemas:

Texto 1

AUTO-RETRATO

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

(Manuel Bandeira. "Poesia completa e prosa". Rio de Janeiro: Aguilar, 1983. p. 395.)

Texto 2

POEMA DE SETE FACES

Quando eu nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos. (...)
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração.

(Carlos Drummond de Andrade. "Obra completa". Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 53.)

Esses poemas têm em comum o fato de

- a) descreverem aspectos físicos dos próprios autores.
- b) refletirem um sentimento pessimista.
- c) terem a doença como tema.
- d) narrarem a vida dos autores desde o nascimento.
- e) defenderem crenças religiosas.

8. (Enem – 2003)



Operários, 1933, óleo sobre tela, 150x205 cm, (P122), Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar infinitamente, como mercadoria que se acumula, pelo quadro afora.

(Nádia Gotlib. **Tarsila do Amaral, a modernista.**)

O texto aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

- a) “Pensem nas meninas/ Cegas inexatas/ Pensem nas mulheres/ Rotas alteradas.” (Vinícius de Moraes)
- b) “Somos muitos severinos/ iguais em tudo e na sina:/ a de abrandar estas pedras/ suando-se muito em cima.” (João Cabral de Melo Neto)
- c) “O funcionário público não cabe no poema/ com seu salário de fome/ sua vida fechada em arquivos.” (Ferreira Gullar)
- d) “Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.” (Fernando Pessoa)
- e) “Os inocentes do Leblon/ Não viram o navio entrar (...)/ Os inocentes, definitivamente inocentes/ tudo ignoravam,/ mas a areia é quente, e há um óleo suave que eles passam pelas costas, e aquecem.” (Carlos Drummond de Andrade)

9. (Enem 2011)

Estrada

*Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.
Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo mundo é igual. Todo mundo é toda a gente.
Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.
Cada criatura é única.
Até os cães.
Estes cães da roça parecem homens de negócios:
Andam sempre preocupados.
E quanta gente vem e vai!
E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar:
Enterro a pé ou a carocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.
Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,*

*Que a vida passa! que a vida passa!
E que a mocidade vai acabar.*

BANDEIRA, M. O ritmo dissoluto. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

A lírica de Manuel Bandeira é pautada na apreensão de significados profundos a partir de elementos do cotidiano. No poema Estrada, o lirismo presente no contraste entre campo e cidade aponta para

- a) o desejo do eu lírico de resgatar a movimentação dos centros urbanos, o que revela sua nostalgia com relação à cidade.
- b) a percepção do caráter efêmero da vida, possibilitada pela observação da aparente inércia da vida rural.
- c) a opção do eu lírico pelo espaço bucólico como possibilidade de meditação sobre a sua juventude.
- d) a visão negativa da passagem do tempo, visto que esta gera insegurança.
- e) a profunda sensação de medo gerada pela reflexão acerca da morte.

10. Enem 2015

14 coisas que você não deve jogar na privada

Nem no ralo. Elas poluem rios, lagos e mares, o que contamina o ambiente e os animais.

Também deixa mais difícil obter a água que nós mesmos usaremos. Alguns produtos podem causar entupimentos:

- cotonete e fio dental;
- medicamento e preservativo;
- óleo de cozinha;
- ponta de cigarro;
- poeira de varrição de casa;
- fio de cabelo e pelo de animais;
- tinta que não seja à base de água;
- querosene, gasolina, solvente, tiner.

Jogue esses produtos no lixo comum. Alguns deles, como óleo de cozinha, medicamento e tinta, podem ser levados a pontos de coleta especiais, que darão a destinação final adequada.

MORGADO, M.; EMASA. Manual de etiqueta. Planeta Sustentável, jul-ago. 2013 (adaptado).

O texto tem objetivo educativo. Nesse sentido, além do foco no interlocutor, que caracteriza a função conativa da linguagem, predomina também nele a função referencial, que busca

- a) despertar no leitor sentimentos de amor pela natureza, induzindo-o a ter atitudes responsáveis que beneficiarão a sustentabilidade do planeta.
- b) informar o leitor sobre as consequências da destinação inadequada do lixo, orientando-o sobre como fazer o correto descarte de alguns dejetos.
- c) transmitir uma mensagem de caráter subjetivo, mostrando exemplos de atitudes sustentáveis do autor do texto em relação ao planeta.
- d) estabelecer uma comunicação com o leitor, procurando certificar-se de que a mensagem sobre ações de sustentabilidade está sendo compreendida.
- e) explorar o uso da linguagem, conceituando detalhadamente os termos utilizados de forma a proporcionar melhor compreensão do texto.

11. Enem 2013

Lusofonia

rapariga: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em Portugal. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o Atlântico para desembarcar no Rio de Janeiro. E isto tudo sem pensar em África, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria era escrever um poema sobre a rapariga do café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. *Matéria do Poema*. Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela

- A) discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- B) defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- C) abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- D) tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- E) valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

12. Enem 2013

Quadrinho quadrado



Os objetivos que motivam os seres humanos a estabelecer comunicação determinam, em uma situação de interlocução, o predomínio de uma ou de outra função de linguagem. Nesse texto, predomina a função que se caracteriza por

- A) tentar persuadir o leitor acerca da necessidade de se tomarem certas medidas para a elaboração de um livro.
- B) enfatizar a percepção subjetiva do autor, que projeta para sua obra seus sonhos e histórias.
- C) apontar para o estabelecimento de interlocução de modo superficial e automático, entre o leitor e o livro.
- D) fazer um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro.
- E) retratar as etapas do processo de produção de um livro, as quais antecedem o contato entre leitor e obra.

13. Enem 2011

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

VANDRÉ, G. Disponível em: <http://www.letras.terra.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

- A) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- B) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- C) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- D) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- E) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

14. Enem 2011

Não tem tradução

[...]

Lá no morro, se eu fizer uma falseta
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou

[...]

Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são I love you
E esse negócio de alô, alô boy e alô Johnny
Só pode ser conversa de telefone

ROSA, N. In: SOBRAL, João J. V. A tradução dos bambas. Revista Língua Portuguesa. Ano 4, nº 54. São Paulo: Segmento, abr. 2010 (fragmento).

As canções de Noel Rosa, compositor brasileiro de Vila Isabel, apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil, no início dos anos 1920, ainda são modernas. Nesse fragmento do samba *Não tem tradução*, por meio do recurso da metalinguagem, o poeta propõe

- A) incorporar novos costumes de origem francesa e americana, juntamente com vocábulos estrangeiros.
- B) respeitar e preservar o português padrão como forma de fortalecimento do idioma do Brasil.
- C) valorizar a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
- D) mudar os valores sociais vigentes à época, com o advento do novo e quente ritmo da música popular brasileira.
- E) ironizar a malandragem carioca, aculturada pela invasão de valores étnicos de sociedades mais desenvolvidas.

15. Enem 2011

TEXTO I

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias,
mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a vossas senhorias?

MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1994 (fragmento)

TEXTO II

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

SECCHIN, A. C. João Cabral: a poesia do menos. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999 (fragmentos)

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta: "Como então dizer quem fala / ora a vossas senhorias?". A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da

- A) descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- B) construção da figura do retirante nordestino com um homem resignado com a sua situação.
- C) representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- D) apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta em sua crise existencial.

E) descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.

16. Enem 2009

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, F. Poemas escolhidos. São Paulo: Globo, 1997.

Fernando Pessoa é um dos poetas mais extraordinários do século XX. Sua obsessão pelo fazer poético não encontrou limites. Pessoa viveu mais no plano criativo do que no plano concreto, e criar foi a grande finalidade de sua vida. Poeta da "Geração Orfeu", assumiu uma atitude irreverente.

Com base no texto e na temática do poema **Isto**, conclui-se que o autor

- A) revela seu conflito emotivo em relação ao processo de escritura do texto.
- B) considera fundamental para a poesia a influência dos fatos sociais.
- C) associa o modo de composição do poema ao estado de alma do poeta.
- D) apresenta a concepção do Romantismo quanto à expressão da voz do poeta.
- E) separa os sentimentos do poeta da voz que fala no texto, ou seja, do eu lírico.

<http://www.guiadacarreira.com.br/simulado-enem-2009-linguagens/>

17. Enem 2015

À garrafa

Contigo adquiro a astúcia
de conter e de conter-me.
Teu estreito gargalo
é uma lição de angústia.
Por translúcida pões
o dentro fora e o fora dentro
para que a forma se cumpra
e o espaço ressoe.
Até que, farta da constante
prisão da forma, saltes
da mão para o chão
e te estilhaces, suicida,
numa explosão
de diamantes.

PAES, J. P. Prosas seguidas de odes mínimas. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

A reflexão acerca do fazer poético é um dos mais marcantes atributos da produção literária contemporânea, que, no poema de José Paulo Paes, se expressa por um (a):

- a) reconhecimento, pelo eu lírico, de suas limitações no processo criativo, manifesto na expressão “Por translúcidas pões”.
- b) subserviência aos princípios do rigor formal e dos cuidados com a precisão metafórica, como se em “prisão da forma”.
- c) visão progressivamente pessimista, em face da impossibilidade da criação poética, conforme expressa o verso “e te estilhaces, suicida”.
- d) processo de contenção, amadurecimento e transformação da palavra, representado pelos versos “numa explosão / de diamantes”.
- e) necessidade premente de libertação da prisão representada pela poesia, simbolicamente comparada à “garrafa” a ser “estilhaçada”.

18. Enem 2015

Cântico VI

Tu tens um medo de
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.

MEIRELES. C. Antologia poética, Rio de Janeiro: Record. 1963 (fragmento).

A poesia de Cecília Meireles revela concepções sobre o homem em seu aspecto existencial. Em Cântico VI, o eu lírico exorta seu interlocutor a perceber, como inerente à condição humana,

- A) a sublimação espiritual graças ao poder de se emocionar.
- B) o desalento irremediável em face do cotidiano repetitivo.
- C) o questionamento cético sobre o rumo das atitudes humanas.
- D) a vontade inconsciente de perpetuar-se em estado adolescente.
- E) um receio ancestral de confrontar a imprevisibilidade das coisas.

Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

19. Enem 1999

TEXTO 1

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai Carlos! Ser “gauche na vida”

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

TEXTO 2

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

BUARQUE, Chico. Letra e música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TEXTO 3

Quando nasci um anjo esbelto
Desses que tocam trombeta, anunciou:
Vai carregar bandeira.
Carga muito pesada pra mulher
Essa espécie ainda envergonhada.

PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade em relação a Carlos Drummond de Andrade por:

- a) reiteração de imagens
- b) oposição de ideias
- c) falta de criatividade
- d) negação dos versos
- e) ausência de recursos

20. Enem 2011

Texto I

Pra que mentir?

Pra que mentir se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir?
Pra quê?! Pra que mentir
Se não há necessidade de me trair?
Pra que mentir, se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir
se eu sei que gostas de outro
Que te diz que não te quer?
Pra que mentir
Tanto assim
Se tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim?!
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?!

ROSA, Noel. VADICO. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/noel-rosa-musicas/125753/>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Texto II

Dom de iludir

Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delícia de ser o que é
Não me olhe como se a polícia
Andasse atrás de mim

Cale a boca
E não cale na boca
Notícia ruim
Você sabe explicar
Você sabe entender
Tudo bem
Você está, você é
Você faz, você quer
Você tem
Você diz a verdade

A verdade é seu dom de iludir
Como pode querer que a mulher
Vá viver sem mentir?

VELOSO, Caetano. Disponível em:

<http://www.caetanoveloso.com.br/sec_discogra_letra.php?language=pt_BR&id=259>. Acesso em: 10 fev. 2011. 02.

A releitura da canção de Noel Rosa feita por Caetano Veloso

- A) valoriza a infidelidade feminina.
- B) defende a efemeridade contida no discurso feminino.
- C) defende o caráter dissimulado do discurso feminino.
- D) condena o caráter persuasivo contido no discurso feminino.
- E) condena a astúcia feminina.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. C | 11. D |
| 2. C | 12. D |
| 3. A | 13. A |
| 4. D | 14. C |
| 5. A | 15. C |
| 6. A | 16. E |
| 7. B | 17. D |
| 8. B | 18. A |
| 9. B | 19. A |
| 10. B | 20. C |